

## VELADURAS DO VIVER PEDAGÓGICO

LAYERS OF THE PEDAGOGICAL LIVING

Solange Utuari / UPM

Mirian Celeste Martins / UPM

---

### RESUMO

Este artigo é parte de uma pesquisa de doutorado que propõe refletir sobre propostas pedagógicas para a formação continuada de professores. Considera a arte como uma experiência estética, estésica e simbólica, desencadeando pensamentos em metáforas que permitem investigar os processos de criação do professor, valorizando experiências e repertórios pessoais. A metodologia de pesquisa se fundamenta na A/r/tografia e no conceito de “veladuras” como metáfora de camadas de véus transparentes. A raiz do termo encontra-se no vocabulário artístico como um processo técnico e poético e está presente em nossas investigações na busca de compreender as “camadas” de experiências significativas no viver e se tornar professor de arte.

### PALAVRAS-CHAVE

Arte; Ensino; Pesquisa.

### ABSTRACT

*This article is part of a doctoral research that proposes to reflect on pedagogical proposals for the continuing education of teachers. It considers art as an aesthetic, aesthetic and symbolic experience, triggering thoughts in metaphors that allow investigating the teacher's creation processes, valuing personal experiences and repertoires. The research methodology is based on A / r / tography and the concept of “layering”, as metaphor of layers of transparent veils. The root of the term is found in the artistic vocabulary as a technical and poetic process and is present in our investigations in the search to understand the “layers” of significant experiences in living and becoming an art teacher.*

### KEYWORDS

Art; Teaching; Research

## Veladuras do viver pedagógico



Figura 1. Composição conjunta de Capobianco e Rubens Matuck. Fotografia e aquarela, 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2012/09/mostra-aquarela-sobre-fotografia-reune-imagens-da-amazonia.html>>. Acesso em 20 maio 2020.

A poética presente na criação verbal dos participantes da pesquisa funciona de modo coletivo, marcado cultura e socialmente, e também de modo cooperativo: na produção coletiva de um mundo metafórico, ou melhor, na interferência de metáforas referidas a mundos semânticos heterogêneos, o grupo das pessoas sujeitos da pesquisa elabora ficções, desenha modelos de uma realidade sem dúvida complexa e imaginária, mas racional. O dispositivo de pesquisa deve, nesse momento, ser suficientemente potente para catalisar a expansão poética desse processo de metaforização e, em seguida, favorecer sua análise crítica pelos próprios sujeitos da pesquisa. GAUTHIER, 2004, p.133).

Jacques Zanidê Gauthier (1999 e 2004) apresenta teorias e proposições investigativas do que denomina sociopoética<sup>1</sup>: uma abordagem de pesquisa por meio de uma experiência do sensível em que a arte e as metáforas são instrumentos potentes. Este filósofo e pedagogo francês defende não a ideia de um pesquisador pesquisando sujeitos, mas de um grupo-pesquisador em que o alvo é uma ação educativa e transformadora de todos no grupo. Seu trabalho se fundamenta, entre outros, nas obras de Paulo Freire (2002, 2009 e 2014) e Célestin Freinet (2001) por apresentarem ideias de educação com bases libertárias e colaborativas.

O ato de pesquisar compartilhado no grupo-pesquisador pode revelar imagens poéticas de todos os envolvidos. Assim também, na pesquisa viva da a/r/tografia<sup>2</sup>

proposta por Rita Irwin (2004, 2008 e 2013), o pesquisador não é aquele que faz a investigação, mas alguém que faz o convite para viver experiências no grupo pesquisado, e sendo pertencente ao processo, estuda, ensina, aprende e realiza trocas, enquanto participa de processos transformadores colaborativos.

A investigação, a criação, pode acontecer em nossas singularidades ou por convites tramados por parcerias no ver, registrar, expressar, poetizar... Na Figura 1 vemos uma das obras da série *Aquarela sobre fotografia* em que dois artistas criam juntos: o fotógrafo João Capobianco (1957) com olhar sensível, busca e captura imagens da natureza amazonense e suas imagens convidam Rubens Matuck(1952) a iluminá-las com cores translúcidas em veladuras na umidade da aquarela. Um olha para o outro em seus processos, camadas de experiências que se encontram no ato de criar algo junto. Será que ao investigar processos de outros, ao nos aproximar de suas vidas, seus olhares e sentires, podemos também compreender nosso viver e criar? Criações em simbiose, produções e nutrições estéticas compartilhadas. A língua do outro me convidando a dizer por minhas linguagens, seja por cores, sons, gestos ou palavras, o que sinto, vivo, constituo, crio e compartilho.

### **Veladuras...**

As palavras mais simples, mais comuns,  
As de trazer por casa e dar de troco,  
Em língua doutro mundo se convertem:  
Basta que, de sol, os olhos do poeta,  
Rasando, as iluminem.  
(SARAMAGO, 1997, p.23)

Mergulhados em desejo criador, seja na arte, pesquisa ou ação pedagógica, uma palavra, pode ser disparadora. Pode ser uma palavra simples, dadas a nós de presente por outros, ou ainda nos acompanhar por uma vida, sem nos darmos conta de sua companhia, mas, em algum momento diante de uma busca ou inquietação, podemos encontrá-la e nos aprofundar no quanto há de sentido, complexidade e poética, tudo que uma simples palavra pode guardar e provocar, basta que com olhos de poeta a iluminemos.

## Velado, veladura, veladuras...

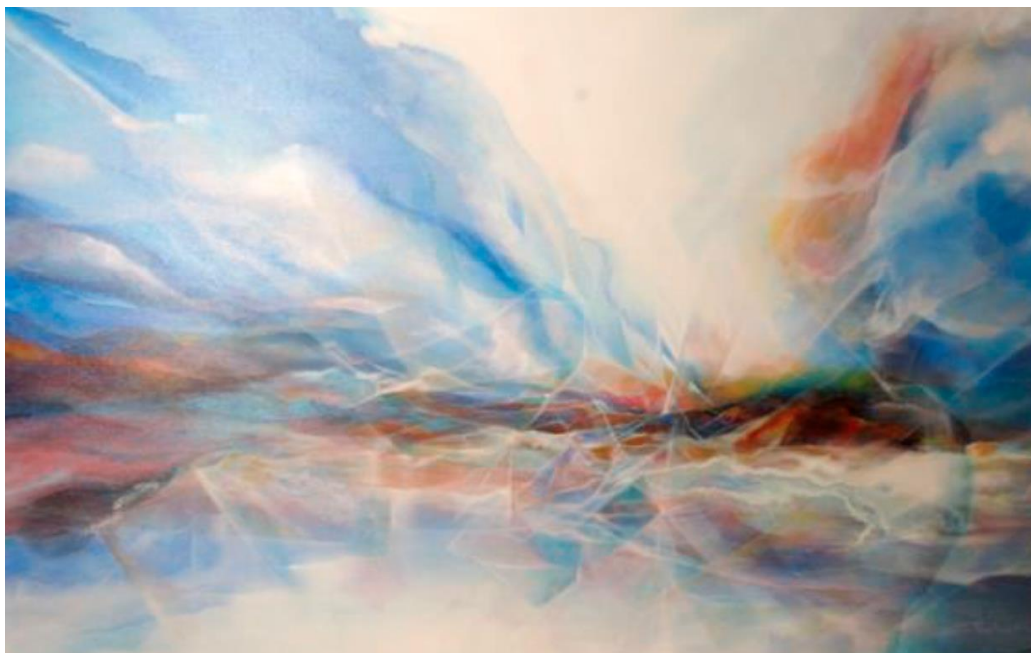


Figura 2. Solanger Paschoalino (1951). *O ritmo das brumas*, 2004. Aquarela sobre papel. Acervo do Museu de Arte do Parlamento de São Paulo. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=270636>. Acesso em 20 abr. 2020.

O que está coberto com véu da memória, experiências, guardados em gavetas, em sono, repouso. O que é posto em vigília repousante, criativa, pulsante no subconsciente do que já foi percebido, tocado ou conceituado. Aquilo que, às vezes, parece mais claro ou não se distingue claramente.

Na música, uma voz velada não tem timbre claro nem forte, mas se faz presente. Na pintura, o termo “veladura” tem sua raiz no vocabulário artístico enquanto processo técnico, poético e está presente em muitos procedimentos, revelando texturas, em sobreposições de materialidades ou finas camadas de tinta diluídas.

Na pintura em aquarela “veladuras” expressam processos técnicos poéticos em que uma camada de tinta é colocada por cima de outra gradualmente, sem apagar as cores antes demarcadas, e neste procedimento cores se misturam em processos translúcidos. Nas veladuras, conjuntos cromáticos transparentes se revelam ao mesmo tempo em que surgem novas nuances.

Aqualeristas constroem camadas translúcidas em que as pinceladas levam as águas coloridas velado à velado. Cores são derramadas no suporte, camada a camada em dança sequencial da mão obreira do artista. Processo presente na produção de

Solanger Paschoalino (1951) na sua composição (Figura 2) *O ritmo das brumas* (2004).



Figura 3. Fernanda Junqueira. Produção da série *Aquarelas Submersas* e "*piscinas*" com água e tinta (instalação no ateliê), 2014. Fonte: <http://multiploespacoarte.com.br/fernanda-junqueira>. Acesso: 20 abr. 2020.

Outros artistas investigam outros modos de trazer a água/tinta translúcida da aquarela para o suporte imaculado do papel. É o caso das produções de Fernanda Junqueira (1957), em sua *Aquarelas submersas* (Figuras 3 e 4). A artista mergulha folhas de papéis em piscinas de tinta em tons de azul e de uma imersão a outra, camadas de tintas se acomodam, se espalham, escorrem e sobrepõem-se, em processos contínuos, na combinação de tempo e espaço. A cor azul em variadas nuances, faz homenagem a água, elemento natural, que convida gentilmente o papel a acolher os efeitos construídos em camadas translúcidas em processos velados.





Figura 4. Fernanda Junqueira. Série *Aquarelas Submersas* e "*piscinas*" com água e tinta, 2014. Fonte: <http://multiploespacoarte.com.br/fernanda-junqueira>. Acesso em 20 abr. 2020.

Trazemos outra produção artística para nutrir nosso olhar. Trata-se da obra *Sobre este mesmo mundo* (2010), (Figura 5) da artista Cinthia Marcelle (1974). Diferentemente da aquarela encontramos camadas opacas, com texturas, quase ranhuras, deixadas pelas marcas do gesto da escrita em giz branco sobre a superfície negra da lousa e as irregularidades percebidas na tentativa em apagar os registros. Ausências e presenças na contradição da memória do suporte.



Figura 5. Cinthia Marcelle. *Sobre este mesmo mundo* (2010). Painel em lousa e giz, 120 x 840 x 8 cm. Exposta na 29 Bienal de São Paulo, 2010. Disponível em <http://mediacityseoul.kr/2016/en/project/cynthia-marcelle>. Acesso: 16 abr. 2020.

Assim como palavras podem ser disparadoras em um processo criador, obras artísticas de outros, nos nutrem, convidam e provocam interpretações e criação de metáforas, associações possíveis com o nosso viver no ato de aprender, ensinar, pesquisar e seguir criando, percebendo-se enquanto ser "linguajante" (MATURANA, 2001) e buscando por linguagens e processos poéticos. Concordamos com as palavras de Ferreira Gullar<sup>3</sup> (2010), "arte existe porque a vida não basta".

Paul Ricoeur (1975, apud GAUTHIER, 2004, p. 132) considera potente o uso de metáforas como instrumento metodológico em pesquisas qualitativas desvelando vários sentidos dentro do que ele chama de “metáfora viva”, que só pode ser analisada em cada contexto de uso e da interpretação.

“Veladuras” na pesquisa aqui apresentada estabelece uma metáfora com a ideia de “camadas” construídas por experiências pessoais, memórias, ciclos de vivências pedagógicas no exercício da profissão, construção de bagagem cultural em sentimentos de pertencimento e identidade, compreensão de conceitos de arte e cultura refletidos em documentos oficiais curriculares, processos de criação, poéticas e outras dimensões na formação, atuação e competências de professores que atuam no ensino de Arte.

### Somente por dentro é possível conhecer



Figura 6: Marcius Galan. *Seção diagonal*, 2008. Paredes pintadas em tons de verde, chão encerado nos mesmos tons e linhas de madeira pintadas de branco. Acervo: Instituto Inhotim, Brumadinho, MG. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/secao-diagonal/>. Acesso: 20 abr. 2020.

O artista contemporâneo Marcius Galan (1972), em uma de suas várias versões de sua obra *Seção diagonal* (Figura 6), presente no Instituto Inhotim, Brumadinho-MG, apresenta um convite a novas experiências na relação com espaço. Em sua poética, provoca um ilusionismo. Parece apenas um jogo para pregar uma peça no espectador, mas vai além dessa intenção. Ele nos convida a olhares reinventados, nos provoca a questionar o modo como percebemos e acreditamos nas coisas que estão diante dos nossos olhos. Usa materialidades simples, mas que surpreendem justamente por essa simplicidade ser capaz de provocar profundidade reflexiva a respeito do olhar e do lugar do corpo ao ocupar espaços vividos.



Figura 7: Marcius Galan. *Três Seções*, 2010. Madeira, cera de piso e pintura sobre parede. CIFO Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami. 2012. Foto: Pedro Motta. Disponível em: <https://cifo.org/index.php/collections/the-cifo-collection>. Acesso: 20 abr. 2020.

Na versão desse trabalho presente no acervo da coleção da Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO - Miami/Florida), intitulada: *Três seções* (Figura 7), Galan tinge o espaço com camadas de cores análogas na paleta de verde/vidro, criando sensações de camadas, veladuras no espaço tridimensional. Como na versão anterior, também ilude o espectador, visitante desconfiado e curioso, que se atreve a entrar. Nesse instante, se condensa o interesse pela obra, o mistério em adentrar nas camadas transparentes que se revelam em tons verdes do vidro que não existe. Entrar e viver as veladuras nessa obra é um convite sedutor e, no espaço da galeria é possível percebe a surpresa do corpo que ocupa e se move entre as camadas.

A arte, como nutrição estética, provoca fruição e o exercício de pensar por metáforas, assim como o artista que convida o público a adentrar a parede de vidro não existente para ver de dentro e repensar a respeito da percepção das coisas, quando nos permitimos apenas atravessar.

Cada pessoa carrega sua história, suas memórias e sente a vida de modo singular. Caminhos que provocam encontros pessoais, profissionais, culturais. Vida culturalmente vivida, construída em experiências, camadas, veladuras. Sobre as aproximações com a vida, memória, currículo pessoal de professores e seus encontros com a profissão na atuação do ensino de arte, nutrem-nos autores como Larrosa (2004), que nos fala que, todos os dias, muitas coisas nos acontecem, mas nem todas nos tocam. Quando algo nos toca, nos afeta, isso pode constituir-se enquanto experiências significativas. O educador contemporâneo pode se constituir



pela formação/ação/reflexão, sem uma ordem definida entre estas, mas por uma experiência vivida. Nesse sentido, “experiência”, segundo o pesquisador, é aquela condição especial que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Segundo Dewey (2010), “uma” experiência significativa e estética pode acontecer em muitas situações. No encontro com arte, pode se dar por uma ativação cultural e estética. Vergara (1996) soma a estas ideias que ativar culturalmente uma obra prevê fazê-la circular em suas ideias, pensamentos, linguagens, contextos e experiência...

Ao olhar para docência tendo como preocupação a formação continuada de professores temos que perceber as experiências estéticas e culturalmente vividas pelos professores, seguir suas trajetórias em encontros significativos com a arte, com seus fundamentos e metodologias de ensino que constituem o seu viver pedagógico e cultural.

Nas luzes de Maurice Tardif (2012) a profissão de professor /professora se realiza nas interações humanas, na formação que se dá continuamente, construindo-se professor nas relações complexas com o mundo. Como nos diz Nóvoa (1988, p. 116), é “inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida”. Pensar a formação docente não pode ser dissociada de processos que incentive estes profissionais a refletir sobre suas histórias de vida, em criações e processos autobiográficos que permitam olhar de dentro, uma vez que a pessoa ao falar de si, reflete sobre si, rememora e reformula hipóteses interpretativas sobre o que viveu e como quer viver no futuro (BUENO, 2002).

Muitas vezes em nossas trajetórias profissionais no trabalho com a formação continuada, criamos situações e contextos formativos em palestras, oficinas e cursos em que nossa platéia são professores. Pessoas que acolhem nossas proposições com consideração e entusiasmo, mas, que nem sempre, nossas atuações parecem provocar transformações em suas ações pedagógicas. O que acontece? Como tornar a formação continuada de professores mais relevante e significativa, capaz de provocar ressonâncias na prática docente? Como encontrar instrumentos metodológicos que permitam olhares sensíveis e poéticos para analisar o viver pedagógico?

Em nosso viver pedagógico na formação continuada de professores há desejos em reinventar, encontrar caminhos para proposições significativas para os professores, capazes de contribuir com processos poéticos e formativos na carreira docente. Neste sentido, a investigação das veladuras do viver pedagógicos se faz vital para conhecer de dentro, para chegar mais perto e talvez sonhar transformações em direção à práticas cada vez mais eficientes e sensíveis.

Conhecendo quem são os professores e como chegam a sua vida pedagógica no ensino de arte, talvez possamos trazer proposições para que estes também se conheçam. É preciso investigar como se dá os processos de formação docente contínua e movente, compreender como professores se percebem enquanto seres culturais, linguajantes, criadores, estésicos e poéticos no viver e no exercer a profissão no ensino de Arte. Saber como refletem suas veladuras, camadas construídas por experiências, memórias em que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI,1994,p.55). Ser “capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como processo, como vir a ser [...]” como disse Paulo Freire (apud, HOOKS, 2013, p. 5). São caminhos que concordam com a ideia de que educação é “um movimento longo e complexo, no sentido de as pessoas nele envolvidas irem renascendo, a cada momento, junto com os outros” (RIOS, 2010, p.3).

É fato que mudança conceitual e metodológica vem acontecendo na educação e no ensino de Arte, apresentando aos professores que atuam no ensino deste componente, exigências na atuação profissional na contemporaneidade. Reformulações curriculares, transformações no campo artístico-cultural e outros acontecimentos moventes, demandam construções de novas competências e mudanças de posturas, entre as quais a de um professor propositor, mediador, curador e dinamizador cultural. Nesse sentido, é importante desenvolver projetos de pesquisa desta natureza, para compreender como se constituem as competências dos professores (RIOS, 2016). E para isso, percebemos que “somente por dentro é possível conhecer” e as metáforas, os processos de criação e as experiências estéticas podem se constituir como potências.

### **Percursos poéticos, estésicos, criativos, artísticos e educativos**

(...)estamos sempre a fazer escolhas, a planejar trajetos. Por isso, podemos construir nossa autonomia e autoria de projetos de ações educativas em arte ao pensar não mais como aquele professor que “dá aulas de arte”, mas como aquele que propõe percursos poéticos, estésicos, criativos que também são artísticos e educativos (UTUARI, 2012, p. 28),

Ao propor caminhos para formação continuada de professores buscamos a pesquisa ação, viva, percorrendo a a/ r/tografia, que por esta ótica a investigação “já não é mais percebida a partir de uma perspectiva científica tradicional, mas sim de um ponto de vista alternativo, onde investigar é uma prática viva intimamente ligada as artes e a educação” (IRWIN, 2008, p.28).

Na pesquisa, ainda em processo, propomos a geração de um grupo-pesquisador, formado por professores que atuam no ensino de arte em várias regiões do Brasil. Procuramos envolver professores que atuantes no ensino de arte em um grupo-pesquisador misto, com a presença de educadores que possuem formação especialista em arte e professores, que mesmo tendo formações iniciais em outras áreas, “estão” professores de arte.

Para além de julgar realidades, é preciso ouvir os professores especialistas e não especialistas, suas angústias, dificuldades e tentar compreender a respeito de suas concepções de Arte e de Ensino de Arte. Saber a respeito do que os motiva a encontrar suas práticas, experiências com os saberes culturais e docentes no ensino de arte. Também concordamos que todos os professores especialistas em suas áreas de atuação ou não, necessitam de mais políticas de formação continuada e valorização profissional. Nesse sentido investigações que se propõem olhar de dentro das questões formativas, para as camadas do viver pedagógico dos professores que atuam no ensino de arte, a nosso ver, são relevantes para conhecer quem são esses professores, seus sonhos, potencialidades e fragilidades.

O convite para o grupo-pesquisador se fará por meio da pesquisa qualitativa em que são propostos processos de criação, momentos em diálogos, trocas entre participantes, acolhimento de relatos e estudos de casos. Este processo no momento se propõe acontecer a distância por meio virtual.

Os professores receberão em casa uma “caixa convite” (Figura 8) com materialidades que se propõe a ser disparadora de processos pessoais de criação e poéticas. É proposto ao professor participante do grupo-pesquisador, a provocação para criar uma ambiência para “expansão de ideias criativas” como expressa Mello (2015, p.397). O convite se expandirá em conversações entre repertórios artísticos e culturais do grupo-pesquisador a partir do encontro com as materialidades e provocações, enviadas na “caixa convite”. A criação da ambiência criadora, um espaço de ateliê, se faz de modo singular em que outras materialidades, ferramentas, referências e processos são proposições iniciais, já que há também o convite em que nas redes de afetos de cada professor este possa tecer “diferentes graus, naturezas e camadas de tempo, configurando espécies sutis de estruturas ou membranas, sempre abertas ao campo dos eventos” (COTRIM, 2007, p.70).

## Caixa convite



Figura 8: “Caixa convite” composta por papéis, pigmentos, riscadores, tecidos, impressos com textos de poetas e pensadores da educação e ensino de arte como provocações para o ato criador.

Deste modo, ao receber a “caixa convite”, com as materialidades e provocações, o professor também recebe o “convite” para ressignificar e compor com outras materialidades, essências, interesses e “redes de afetos”, trazendo seus repertórios construídos por suas camadas pessoais de experiências. Em momentos de trocas no grupo-pesquisador, escolhas e caminhos podem ser compartilhados e processos colaborativos podem nascer no campo dos eventos de uma pesquisa viva no fluxo criativo.

Nos encontros em salas virtuais também serão compartilhadas histórias, processos de criação, repertórios, reflexões a respeito das veladuras do viver pedagógico. A arte estará sempre presente como experiência estésica e estética, disparadora de imagens poéticas, pensamentos metafóricos e simbólicos.

Paulo Freire (2002 e 2014) preconiza ao dizer que todo processo educativo deve ter em sua alma a liberdade de ideias e ações. Assim a metáfora tem sua força dentro de um processo investigativo, uma vez que são elementos estruturantes do pensamento e linguagem poética, sobretudo enquanto pensamento crítico e libertário. “A vivência poética, provocada por um fazer ou pelo encontro com a arte é uma acumuladora de energia, é um declanchar, um tirar a tranca, um libertar um olhar amarrado ao já conhecido para ver além” (MARTINS, 2018). Assim, será importante criar situações e ambiências que favoreçam as pessoas envolvidas a se

auto pesquisarem, buscando suas referências e relações metafóricas na ativação do pensamento aberto.

A metáfora “veladuras”, imagem poética na nutrição pela arte, trazida aqui enquanto aquecimento deste texto, pode se propor como chave para abrir algo, mas lá dentro, se olhando por dentro, cada professor/professora pode escolher suas imagens poéticas e metáforas pessoais para falar de si. A metáfora se torna aqui, portanto, um método poético investigativo, que deve ter o alcance da poética pessoal de cada um na investigação de camadas de experiências significativas no viver e no vir a ser professor de Arte. Podem se constituir enquanto pistas para adentrar na investigação de percursos poéticos, estéticos e educativos, no desafio em percorrer um espaço, um tempo tingido por camadas de cores transparentes. Espaços delimitados, mas penetráveis em suas fragilidades, em tempos que possam ser reinventados pela poética da arte.

O processo de investigação pela Arte, com professores que atuam no ensino de Arte, se justifica pelo caráter do conhecimento poético estético pelo qual este profissional trabalha. No entanto, é importante que se diga, que não se limita apenas a este universo. A prática da investigação pelo conhecer, fazer e poetizar permite envolver-se consigo mesmo, imaginar, criar e reinventar conceitos, concepções, refletindo sobre histórias de vida e suas camadas ou, por nossa metáfora, em veladuras presentes em qualquer contexto formativo.

Para adentrar aos espaços mais internos a pesquisa viva (IRWIN, 2004) no ato de fazer, conhecer e poetizar pela arte com professores de Arte, se justifica também por explorar processos e campos conceituais pelos quais estes profissionais caminham frequentemente com seus alunos. Até que ponto os compreende e os explora? Quais são os aspectos fundamentais presentes, não apenas no ato de ensinar mais no exercer sua dimensão estética poética enquanto pessoa, ser cultural que carrega poesia em si?

A proposta de investigação trazida por Rita Irwin (2004 e 2008) na a/r/tografia está em consonância com os nossos interesses, uma vez que, as “práticas de educadores e artistas tornam-se locais de investigação. Além disso, como investigadores, eles se constituem em pesquisadores” (2008, p.28). Esta proposta fundamenta o processo de ensino pela arte também na perspectiva da formação continuada em que envolvidos nas dimensões fronteiriças da dimensão artista, professor pesquisador, este profissional mergulha em processos vivos com saberes didáticos e culturais da arte.

Assim ao defender uma formação continuada, na investigação “de dentro” das veladuras do viver pedagógicos, temos em mente que é preciso encontrar espaços e



tempos para que o professor construa seus processos de criação e narrativas para compreender seu viver e valorizar seus saberes encontrando caminhos e modos sensíveis de perceber e seguir na atuação do ensino de arte. Desafios ao “sair do abrigo do que é conhecido e como é conhecido, desabrigando-se no desaprender” (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA, 2010, p.184).

## Notas

<sup>1</sup> Sociopoética é um método de pesquisa qualitativa proposto pelo filósofo e pedagogo francês Jacques Zanidê Gauthier. Focaliza a pesquisa como processo aberto ao imprevisível que favorece as relações entre os sujeitos da pesquisa denominados como grupo-pesquisador e que se utiliza da poesia e da metáfora (que conecta arte e ciência) na criação da linguagem compartilhada.

<sup>2</sup> Envolvendo o artista criador (“A” de *artist*), o pesquisador (“R” de *research*) e o professor (“T” de *teacher*), “A/r/tografia é uma forma de representação que privilegia tanto o texto como a imagem ao se encontrarem em momentos de mestiçagem. Mas, sobretudo, a/r/tografia é sobre cada um de nós que vive uma vida de profundo significado realçado através de práticas perceptivas que revelam o que esteve uma vez escondido, criam o que não foi nunca sabido e imaginam o que nós esperamos conseguir.” (IRWIN, 2008, p. 100).

<sup>3</sup> Pronunciamento de Ferreira Gullar durante a FLIP de 2010, ao se referir as palavras de Fernando Pessoa (1888-1935), que escreveu que “A literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta. Talhar a obra literária sobre as próprias formas do que não basta é ser impotente para substituir a vida. UTUARI, Solange et al, *Arte por toda Parte*. São Paulo: FTD, 2018.

## Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**. vol. 28 nº 1 São Paulo Jan/Jun 2002.

COTRIM, Cecília. Fluindo de diferença para diferença: entrevista Ricardo Basbaum. Brasília, Ministério da Cultura: **Revista Cultura e Pensamento**, nº 2, outubro-novembro 2007, pp. 70-77.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREINET, Célestin. **Para Uma Escola do Povo**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. (eBook Kindle, 2014).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra, 2009.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandao Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética**: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação. Rio de Janeiro: UFRJ / Editora EEAN, 1999.

GAUTHIER, Jacques. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr, 2004, n.25, p.127-142. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782004000100012](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100012). Acesso: 20 abr. 2020.

IRWIN, Rita L. "Becoming A/r/tography." **Studies in Art Education** V 54, no. 3, p. 198-215, 2013.

IRWIN, Rita L.; COSSON Alex de (Eds). **A/r/tography**: Rendering self through arts-based living inquiry. Vancouver, Canada: Pacific Educational Press, 2004.

IRWIN, Rita. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. In: BARBOSA. Ana Mae. (org.) **Interterritorialidade**: mídias, contextos e educação. São Paulo: Senac, 2008, p. 87-104.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINS, Mirian Celeste. Quando a fé move montanhas: Francys Alÿs e o esperar. In: QUEIROZ, João Paulo; OLIVEIRA, Ronaldo (Orgs.) **Os riscos da arte**: formação e mediação. Lisboa, Universidade de Lisboa, 2018, p. 13-22. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/37413>. Acesso em 10 jul. 2020.

MARTINS, Mirian C. (Coord.); PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria T. T. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2010.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Organização e tradução: Cristina Magro, Víctor Paredes. Belo horizonte. Editora UFMG, 2001.

MELLO, Regina Lara S. Criatividade na Prática do Ateliê de Artes Plásticas. In: MORAIS; Maria de Fátima et al. (Org.). **Criatividade**: aplicações práticas em contextos internacionais. 1ed. São Paulo: Vetor, 2015, v. 1, p. 397-420.

NÓVOA, António. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus. In: Nóvoa, António, FINGER, Mathias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988, p.107-129.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

RIOS, Terezinha Azeredo. **O Gesto do Professor Ensina. ética e cidadania.** Coleções: Objetos Educacionais Unesp, 2010. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/25>>. Acesso: 10 abr. 2020.

RIOS, Terezinha Azeredo - **Compreender e Ensinar.** São Paulo: Cortez; Edição: 2016.

SARAMAGO, José. **Os Poemas Possíveis.** Alfragide: Leya, 1997.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

UTUARI, Solange **Encontros com arte e cultura** / Solange dos Santos Utuari Ferrari. – 1. ed. – São Paulo: FTD, 2012.

VERGARA (1996), VERGARA, Luiz Guilherme. **Curadorias Educativas - a consciência do olhar: percepção imaginativa.** Anais ANPAP: ANPAO, 1996.

### **Solange Utuari**

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Assessora em projetos de arte e cultura, também é autora de diversos livros voltados para a Arte e Educação.

### **Mirian Celeste Martins**

Docente do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura e do Curso de Pedagogia na Universidade Presbiteriana Mackenzie onde coordena os Grupos de Pesquisa: Arte na Pedagogia/GPAP e Mediação cultural: contaminações e provocações estéticas/GPeMC. Membro do Conselho Mundial para América Latina da InSEA – International Society of Education through Art. Foi professora do Instituto de Artes/Unesp. Contato: [mcmart@uol.com.br](mailto:mcmart@uol.com.br)